



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

RELIGIÕES NA ENCRUZILHADA DAS CULTURAS

RELIGIONS AT THE CROSSROADS OF CULTURES

Marcelo Brandão Araujo

Graduado em Filosofia (Centro Universitário Fluminense – UNIFLU). Mestre em Ciências das Religiões (Faculdade Unida de Vitória – FUV). Doutorando em Educação (Universidade Luterana do Brasil – ULBRA). Contato: araujoedima@uol.com.br

Ricardo Willy Rieth

Graduado em Ciências Sociais/Bacharelado, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (1988), Graduado em Teologia/Bacharelado, pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre (1986), MBA em Gestão Empresarial, pela Fundação Getúlio Vargas – FGV (2019), Doutor em História da Igreja pela Universität Leipzig, Alemanha (1992) e pós-doutorado pela mesma instituição (2000). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado/Doutorado), Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Canoas-RS. Contato: ricardo.rieth@gmail.com

Resumo: Apesar da diversidade religiosa ser algo amplamente presente na contemporaneidade, percebe-se que nem sempre a convivência entre as religiões é marcada pelo respeito, diálogo, solidariedade e como uma oportunidade de partilha, troca de experiência em torno da relação com o sagrado. Com frequência, as mídias veiculam a prática de atos de intolerância e racismo, principalmente contra as confissões de fé de origem africana, muitas das vezes rotuladas como obras do demônio. Justifica-se a partir daí a urgência de promover debates sobre modos de entender e enfrentar sentimentos e práticas racistas, proselitistas e fundamentalistas em busca de uma aproximação pautada pelo diálogo e pelo reconhecimento das muitas maneiras de releer a relevância do sagrado e a relação que as pessoas estabelecem com ele. Sendo assim, considerando que as religiões durante a sua caminhada de tempos em tempos encontram alguma encruzilhada, isto é, se veem diante da inevitabilidade da aproximação, do contato, o presente artigo se propõe a apresentar e debater a encruzilhada com um lugar de convergência e, portanto, de oportunidade para o diálogo inter-religioso.

Palavras-chave: Religiões no Brasil. Cultura. Encruzilhada. Diversidade. Diálogo inter-religioso.

Abstract: Although religious diversity is something widely present in contemporary times, it is clear that the coexistence between religions is not always marked by respect, dialogue, solidarity and as an opportunity for sharing, exchanging experience around the relationship with the sacred. The media frequently convey the practice of acts of intolerance and racism, especially against religions of African origin, often labeled as works of the devil. From there, the urgency of understanding and facing racist, proselytizing and fundamentalist feelings and practices is justified in order to establish an approach based on dialogue and recognition of the fact that there are many ways to reread the relevance of the sacred and the relationship between people settle down with him. Therefore, considering that religions during their journey from time to time find some crossroads, that is, they see themselves facing the inevitability of approximation, contact, this article proposes to present and debate the crossroads as a place of convergence and, therefore, an opportunity for interreligious dialogue.

Keywords: Religions in Brazil. Culture. Crossroads. Diversity. Interreligious dialogue.

Introdução

O texto se interessa pelo aprofundamento do conceito de encruzilhada enquanto um lugar de encontro entre as religiões. Nesse sentido, acredita-se que esse lugar tem o potencial de viabilizar o alargamento do rico universo simbólico dos diversos modos de relação com o sagrado. Inclusive, percebe-se que a ausência de diálogo entre as confissões de fé, além de inviabilizar esse alargamento simbólico, também não concorre a favor da redução de processos e circunstâncias associados a práticas de racismo e intolerância religiosa.

Nessa perspectiva, Freitas destaca que “[...] a encruzilhada é o local onde se cruzam caminhos a partir de um centro, um ponto em comum; por isso ela sugere a pausa, a reflexão seguida de uma quebra da zona de conforto [...]”¹. Inclusive, para ela, “[...] diferentemente da linha ou da reta, a encruzilhada reconhece os pontos em comum, o ponto de interseção, a cicatriz do encontro, mas os ultrapassa abrindo outros caminhos”².

Sendo assim, tendo como base o conceito de encruzilhada de Freitas mencionado acima, o presente artigo se dedica ao debate sobre esse lugar ou estado de espírito conhecido como encruzilhada, levando em conta que na encruzilhada não há espaço para as práticas e sentimentos proselitistas e fundamentalistas. Mas, ao contrário, nesse local o encontro é aberto, complexo e profundamente diverso, uma vez que “um Deus de sabedoria múltipla não diria tudo de uma única vez em um único verso”³.

Nesse contexto, a metáfora da encruzilhada tem um sentido parecido com outra metáfora, isto é, a interseccionalidade de Collins e Bilge⁴, uma vez que as duas representam um local de aproximação e contato em que os sujeitos podem se ouvir e fazer parte de um momento de partilha aberto, solidário e dialógico que vai além das disputas e dos embates. Portanto, as duas metáforas viabilizam releituras, redescobertas da religiosidade e da diversidade humana.

¹ FREITAS, Ivana Silva. O ponto e a encruzilhada: a poesia negra rasurando a literatura oficial através da intertextualidade. *Revista Pontos de Interrogação*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 113-130, jul./dez. 2015, p. 115. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/134>. Acesso em: 13 maio 2021.

² FREITAS, 2015, p. 115.

³ PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito Santo*. Brasília: Novos Diálogos, 2019, p. 39.

⁴ COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Nesse sentido, o artigo se apoia na metáfora da encruzilhada com o objetivo de apresentar e discutir as diferentes perspectivas de encruzilhada no âmbito das culturas religiosas.

Além disso, o texto recorre à metáfora da encruzilhada com o intuito de problematizar e realizar um debate em torno da questão da tensão entre os dois polos comumente identificados no âmbito do encontro entre as religiões, ou seja, um de viés fundamentalista e outro, por sua vez, vinculado às condutas compatíveis com o diálogo inter-religioso e que, portanto, concorrem a favor do respeito, valorização e reconhecimento da diversidade religiosa.

Encruzilhada versus Fundamentalismo

As religiões, durante a sua peregrinação, de vez em quando se veem diante de alguma encruzilhada, ou seja, se deparam com a necessidade do encontro, diálogo e partilha com outras manifestações de fé. Nesse sentido, o ponto de virada consiste em reconhecer que “as religiões são diferentes estradas convergindo para o mesmo ponto. O que importa que tomemos diferentes estradas, desde que alcancemos o mesmo objetivo? Onde está a causa da briga?”⁵ (Tradução nossa). Desse modo, portanto, a convergência é vista como uma oportunidade para a aprendizagem mútua e convivência pacífica e solidária entre as diversas confissões de fé.

No âmbito do conceito de encruzilhada, as práticas e sentimentos fundamentalistas ficam de fora, tendo em vista que todos, sem exceção, são convidados a partilhar coletivamente o seu modo de se relacionar com o sagrado. Com isso, conseqüentemente, o fundamentalismo deixa de existir, uma vez que na opinião de Wolf⁶, a conduta considerada fundamentalista consiste, necessariamente, numa experiência individual de relação com o divino, portanto, que busca monopolizar a relação com o sagrado.

⁵ GANDHI, Mohandas Karamchand. *Hind Swaraj or Indian Home Rule*. [e-book]. Ahmedabad: e-Shabda, 2017.

⁶ WOLFF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 83-111, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44974855005>. Acesso em: 14 maio 2021.

Desse modo, segundo Wolf⁷, a vivência individual como o Absoluto, portanto, que deseja uma identificação particular com Ele pode provocar o surgimento de práticas e sentimentos exclusivistas, fundamentalistas que, inevitavelmente, impedem o encontro, o diálogo e a partilha, culminando, assim, em desentendimentos e conflitos entre as religiões.

Nessa perspectiva, a ausência de posturas fundamentalistas permite mais facilmente que determinada organização religiosa tenha abertura e inclinação no que diz respeito à aproximação com as demais vivências e experiências de fé. Evitando, assim, que as religiões tentem monopolizar o sagrado para se tornar as únicas proprietárias legítimas da relação com o divino.

Em continuidade, radicalmente ao contrário da proposta da encruzilhada, o fundamentalismo, por sua vez, se pauta no fechamento comunitário ou estratégia do gueto. Impedindo, assim, que as pessoas de outros credos interajam entre si.

A estratégia de gueto se apresenta quando as pessoas restringem seus vínculos de amizade às pessoas que professam a mesma fé, na restrição a qualquer manifestação artística não religiosa, na proibição de frequentar celebrações de outras religiões.⁸

Com isso, obviamente, a estratégia do gueto não permite que determinada confissão de fé fique à mercê de interferências, intromissões externas e, principalmente, hostis em relação a suas certezas teológicas. Em contrapartida, a estratégia do gueto ou de fechamento comunitário é responsável pelo isolamento da religião. Assim, a escolha de continuar protegida numa *redoma de vidro*, portanto, fazendo de conta que a diversidade religiosa não existe, impossibilita a aprendizagem mútua e troca de vivências de fé. Portanto, seguindo os passos da proposta da encruzilhada, pode-se dizer que cada religião necessita assumir uma conduta que viabilize a aproximação, o encontro e o diálogo com os outros credos.

Sendo assim, entende-se que a estratégia do gueto, além de ser profundamente incompatível com a proposta da encruzilhada, também está totalmente em desacordo em relação ao pensamento de Küng⁹, considerando que nos tempos

⁷ WOLFF, 2015.

⁸ TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso e a ameaça fundamentalista. *Numen*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1/2, p. 9-24, 2007, p. 13. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672>. Acesso em: 24 maio 2021.

⁹ KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

atuais, as religiões necessitam unir mais e separar menos. Nessa perspectiva, na opinião de Küng¹⁰, a paz no mundo vai depender cada vez mais da iniciativa das religiões de destacar mais as características que as unem e menos os aspectos que as separam. Em razão disso, a estratégia do gueto impossibilita o encontro, a convivência com a diversidade e não concorre a favor para que nenhum credo assuma a sua “[...] responsabilidade especial: a paz no mundo”¹¹. Levando em conta que “no futuro, a credibilidade de todas as religiões, também das pequenas, vai depender de sua capacidade de acentuar mais aquilo que as une e menos aquilo que as divide”¹².

Sendo assim, tendo como base o pensamento de Küng¹³, percebe-se que a proposta da encruzilhada viabiliza a missão privilegiada das confissões de fé, que não consiste na conversão das pessoas, mas sim na promoção da paz no mundo.

Além do fechamento comunitário ou estratégia do gueto, Teixeira¹⁴ destaca outra conduta fundamentalista, isto é, a cruzada. Assim, da mesma maneira que as outras estratégias mencionadas acima, a cruzada também é profundamente incompatível com a proposta da encruzilhada.

Nesse contexto, a cruzada consiste numa *guerra santa* que visa à conversão e recorre à violência contra os não crentes, infiéis e hereges. Sendo que os "hereges" dos dias de hoje são formados, principalmente, por pessoas das religiões de matriz africana, membros da comunidade LGBTQIA+, militantes dos direitos humanos e de ideologias políticas diversas reunidas sob o rótulo de *esquerda*, feministas, defensores de ações e políticas de bem-estar social, entre outros.

Todavia, em contraposição ao racismo e à intolerância religiosa da cruzada, Pacheco destaca que “é preciso ter uma teologia indígena, uma teologia negra, uma teologia feminista, uma teologia ecológica, uma teologia *queer*, uma teologia de libertação”¹⁵. Além disso, também é necessário ter “[...] uma teologia pós e de-colonial, uma teologia ecumênica e inter-religiosa”¹⁶.

¹⁰ KÜNG, 1993, p. 10.

¹¹ KÜNG, 1993, p. 10.

¹² KÜNG, 1993, p. 10.

¹³ KÜNG, 1993, p. 10.

¹⁴ TEIXEIRA, 2007.

¹⁵ PACHECO, 2019, p. 39.

¹⁶ PACHECO, 2019, p. 39.

Em continuidade, observa-se que a cruzada da contemporaneidade iniciou nos anos 1980, de modo especial, por conta da utilização de determinados programas televisivos para demonizar as religiões afro-brasileiras. Por conta disso, em julho de 2019, a TV Record e a Record News, que veiculam os conteúdos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), demonizaram a Umbanda e o Candomblé durante a apresentação do quadro *Sessão de Descarrego* do programa *Mistérios*. Em razão disso, as duas emissoras de TV foram condenadas pela Justiça Federal e tiveram que pagar R\$600.000 de indenização e transmitir programas sobre as religiões afro-brasileiras.

Contudo, embora tenha atacado as religiões de matriz africana, ao longo dos anos, a IURD incorporou símbolos religiosos das confissões de fé afro-brasileiras e do catolicismo devocional.

Observa-se que apesar de combater, tão veementemente, os atributos das religiões afro-brasileiras e mediúnicas, a IURD apropria-se de diversos elementos como: banho espiritual de descarrego, fechamento de corpo, corrente da mesa branca, retira encostos, desfaz mau-olhado etc., que são ritos tradicionalmente pertencentes às religiões afro-brasileiras. Em processos sincréticos é comum observar-se situações de conflito¹⁷.

O fato é que pastores da IURD vão à praia durante a noite, vestidos de branco, dar 'passes de luz' e 'descarrego'. Tais rituais são práticas comuns em terreiros de Umbanda ou religiões mediúnicas, religiões essas constantemente atacadas pela mesma.¹⁸

Observa-se, nesse contexto, que as correntes fazem parte das religiões mediúnicas, assim como as sessões de descarrego e as novenas fazem parte do catolicismo popular. Tais elementos são utilizados abertamente na IURD. Vê-se assim que, ao mesmo tempo que repudia, é contraditória porque adota práticas semelhantes.¹⁹

No entanto, a conduta da IURD em relação às manifestações de fé de matriz africana não corresponde ao universo diverso das igrejas evangélicas pentecostais, posto que “[...] a ausência de um movimento negro no campo evangélico não significa

¹⁷ GARCIA, Celio de Pádua. *Em terras de sincretismos: apropriações e ressignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2015. 191 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de GOIÁS, Goiânia, 2015, p. 152. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/775>. Acesso em: 24 maio 2021.

¹⁸ GARCIA, 2015, p. 149.

¹⁹ GARCIA, 2015, p. 136.

que os problemas relativos à identidade negra não sejam postos nesse campo [...]”²⁰. Além disso, ao contrário da postura da IURD, outras igrejas pentecostais repudiam e combatem o racismo e a intolerância religiosa, como é o caso da Comunidade Martin Luther King Jr, da Igreja Pentecostal Cristo em Deus, Missão Quilombo da Igreja Pentecostal Brasil para Cristo, Pentecostais Negros do Rio de Janeiro, entre outras.

Em sequência, em relação ao diálogo entre as religiões, Vigil²¹ entende que os religiosos recorrem a três condutas em relação às religiões dos outros, isto é, assumindo um comportamento exclusivista, inclusivista ou pluralista. A primeira é compatível com a conduta fundamentalista da cruzada. A segunda, por sua vez, se afasta progressivamente do fundamentalismo. Por fim, ao contrário da primeira, a terceira não admite nenhuma conduta fundamentalista e é integralmente compatível com a proposta da encruzilhada.

Para Vigil²², o indivíduo exclusivista acredita que apenas a sua religião conduz à salvação. Com isso, obviamente, o exclusivismo impossibilita o diálogo inter-religioso, tendo em vista que nesse contexto não existe a menor possibilidade de aproximação como um modo de ampliar os horizontes simbólicos da fé.

Mas, diferentemente do exclusivismo, no inclusivismo prevalece a intenção de aproximação e contato entre as igrejas cristãs e, inclusive, a possibilidade de diálogo com as confissões de fé de origem africana. Porém, apesar de significar um avanço, o inclusivismo ainda não reconhece de modo mais contundente a urgência de diálogo com as manifestações de fé afro-brasileiras.

Já o pluralismo, por sua vez, parte do pressuposto de que todas as religiões são distintas entre si, mas verdadeiras, tendo em vista que são capazes de realizar uma leitura parcial do sagrado. Sendo assim, ao contrário do exclusivismo e do inclusivismo, a conduta pluralista é mais compatível com a proposta da encruzilhada.

²⁰ SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e identidade cultural: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 56, p. 83-128, 2017, p. 108. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77055372003.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

²¹ VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

²² VIGIL, 2006.

Diferentes perspectivas de encruzilhada

O termo encruzilhada também é empregado no sentido pejorativo, ou seja, como um lugar demoníaco e amaldiçoado. Além disso, o Dicionário Online da Língua Portuguesa define encruzilhada como um “[...] dilema que torna difícil tomar uma decisão; apuro; não saber o que fazer, que decisão tomar”²³. Contudo, no âmbito do diálogo inter-religioso, o presente artigo busca ressignificar o conceito de encruzilhada, apresentando-o como lugar privilegiado para a aproximação e o diálogo inter-religioso.

Em continuidade, em relação às diferentes perspectivas de encruzilhada, no século XVII, John Bunyan²⁴, na obra *O Peregrino*, apresentou-a como um local de escolha e de tomada de decisão entre o caminho *estrito* e o *largo*. Inclusive, vale a pena ressaltar que ainda nos tempos atuais, a obra de Bunyan de origem no puritanismo inglês, permanece como uma referência importante para o discipulado evangélico no mundo e no Brasil.

A história narra que o personagem Cristão em sua caminhada em direção à salvação, se depara com muitas encruzilhadas, portanto, com outros caminhos mais largos e, por isso, mais fáceis e menos arriscados. Porém, mesmo diante das *tentações* (dos apelos) para desistir da peregrinação ou sair da direção, o Cristão é incentivado através de lições, aconselhamentos alegóricos pautados na doutrina moral protestante a não desistir nem mudar de direção. Desse modo, a encruzilhada é sinônimo de escolha, de decisão pelo caminho *exclusivo*. Portanto, optar pelo caminho *exclusivo* implica, necessariamente, em abrir mão, desistir dos demais caminhos (mais largos e atrativos). Sendo assim, a encruzilhada de Bunyan é um caminho de mão única, reto, sem atalhos nem desvios.

BOA VONTADE — Não levantamos objeções contra ninguém. Pouco importa tudo o que tenham feito antes de chegar aqui, pois de modo nenhum são lançados fora (Jo 6:37). Sendo assim, meu bom Cristão, venha comigo que lhe ensinarei algo sobre o caminho que você deve trilhar. Olhe à frente. Está vendo este caminho estreito? É este o caminho que você deve tomar. Foi aberto pelos patriarcas, pelos profetas, por Cristo e seus apóstolos, e é tão reto quanto o pode fazer uma régua. É este o caminho que você deve seguir. CRISTÃO — Mas não há desvios nem curvas que me façam perder o caminho?

²³ ENCRUZILHADA. In: DICIONÁRIO Online da Língua Portuguesa. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/encruzilhada/>. Acesso em: 12 maio 2021.

²⁴ BUNYAN, John. *O Peregrino*. [Livro Eletrônico] Traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

BOA VONTADE — Há, sim, muitos caminhos que partem deste para baixo. São caminhos sinuosos e largos. Mas você poderá distinguir o errado do certo assim: só este é reto e estreito (Mt 7:13-14)²⁵.

A *pedra angular* da obra *O Peregrino* consiste no reconhecimento de que existe apenas um caminho que conduz à salvação, portanto, sendo assim, todos são convidados a permanecer sempre na mesma direção. Mas, por outro lado, “o que causa ruído na conversação inter-religiosa, como se sabe, é justamente a resistência das religiões em admitirem vários caminhos”²⁶.

Mais tarde, no contexto do Brasil do século XVIII, Nuno Marques Pereira²⁷ escreve o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Inclusive, do mesmo modo que Bunyan, Pereira também recorre ao recurso didático da alegoria e do simbolismo da peregrinação rumo à salvação para a transmissão e divulgação de lições e aconselhamentos cristãos. Porém, em direção oposta em relação a obra *O Peregrino*, Pereira se dedica a ensinar os preceitos morais e religiosos da Contrarreforma Católica.

Na narrativa, o autor se autodeclara na condição de peregrino em viagem do Sertão da Bahia até à região de mineração de ouro e diamante localizada nas Minas Gerais. Assim, durante o percurso, o peregrino se depara com muitas encruzilhadas, ou seja, “[...] encontra muitas outras personagens, cujas estórias lhe vão sendo relatadas pelos interlocutores, servindo de ensejo para o peregrino dar conselhos segundo a doutrina moral da Igreja católica”²⁸.

Embora a peregrinação privilegiar a parada para o encontro e o diálogo, a obra de Marques Pereira reforça de modo contundente o entendimento de que o racismo e a intolerância religiosa se confundem com a própria história da formação do país, tendo em vista que o autor justifica que o livro também consiste num instrumento para “[...] denunciar a quase ruína da sociedade brasileira, devido à introdução de

²⁵ BUNYAN, 2013, p. 39.

²⁶ DREHER, Luís Henrique. A identidade evangélico-luterana e o diálogo inter-religioso: ideias para a busca de um método. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-91, 2003, p. 90. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/585/539. Acesso em: 24 maio 2021.

²⁷ PEREIRA, Nuno Marques. *Compendio narrativo do Peregrino da America*. Lisboa: 1728. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4067>. Acesso em: 24 maio 2021.

²⁸ RODRIGUES, Anna M. Moog. *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira. *Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, MG, n. 7, p. 30-36, 2011, p. 34. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art3_rev7.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

feitiçarias e calundus entre escravos, assim como de muitos pecados, superstições, e outros abusos que encontrou por toda parte”²⁹.

Inclusive, no que diz respeito à alegoria da peregrinação de Bunyan e de Marques Pereira, Dreher destaca que “a verdade parece ser que a pedra de tropeço de todo o diálogo inter-religioso, e mesmo de sua teoria, é aquela, praticamente incontornável, que introduz do início ao fim o debate sobre o caminho da salvação”³⁰. Mas, apesar da relevância histórica do trabalho de Marques Pereira e a forte influência do pensamento de Bunyan no mundo evangélico, Dreher entende que “o diálogo inter-religioso é de fato um desafio e um imperativo urgente, e que certas condições precisam ser criadas, ao nível da filosofia da religião e da própria teologia, para que ele aconteça”³¹.

Já na obra *Teologia Negra*, de autoria de Ronilso Pacheco³², é possível perceber a valorização da proposta da encruzilhada enquanto um lugar de convergência, tendo em vista que o autor privilegia o diálogo, a construção de caminhadas comuns e cosmovisões múltiplas: antissexistas, antirracistas e revolucionárias. Desse modo, a obra *Teologia Negra* rompe radicalmente com os entendimentos preconceituosos e minimalistas que veem os evangélicos como um bloco único, coeso, homogêneo e inevitavelmente reacionário.

Na perspectiva da encruzilhada, Pacheco defende a ideia de que “é preciso rachar todas as estruturas rígidas de homogeneização que nega a riqueza da diversidade”³³. Também defende o entendimento de que é necessário quebrar as linhas antitóque que “[...] impedem o contato, o diálogo, a aproximação e fomentam o isolamento autocentrado e autossuficiente, e matam o diálogo e a construção de caminhadas comuns”³⁴.

No caso da Umbanda, por sua vez, pode-se dizer que a encruzilhada também é sinônimo de sincretismo religioso. Nesse sentido, de acordo com Sanchis³⁵, a Umbanda faz questão de ser percebida como uma religião sincrética, posto que no

²⁹ RODRIGUES, 2011, p. 32.

³⁰ DREHER, 2003, p. 86.

³¹ DREHER, 2003, p. 85.

³² PACHECO, 2021.

³³ PACHECO, 2019, p. 39.

³⁴ PACHECO, 2019, p. 39.

³⁵ SANCHIS, Pierre. O “som Brasil”: uma tessitura sincrética? In: MASSIMI, Marina (Org.). *Psicologia, cultura e história: diálogos em perspectivas*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

contexto umbandista o sincretismo não é visto como algo ruim, negativo. Mas, ao contrário, é encarado como uma virtude e como um modo de resistência e continuidade das tradições africanas. Portanto, nesse caso, o sincretismo não representa falta de autenticidade, originalidade ou pureza da Umbanda, tendo em vista que a diversidade é reconhecida e valorizada em todas as suas especificidades.

No âmbito do diálogo inter-religioso, pode-se dizer que a encruzilhada sob a perspectiva da Umbanda tende a se afastar do racismo e da intolerância religiosa, levando em conta que não vislumbra somente uma cruz, mas admite e valoriza várias cruces (encruzilhada).

Em prosseguimento, os exus considerados os guardiões das encruzilhadas no imaginário umbandista tiveram que propositalmente ser submetidos a um processo de ressignificação, *branqueamento* para continuar existindo, portanto, foram “[...] se modificando para continuar presente nos rituais da Umbanda”³⁶.

No entanto, do ponto de vista da preservação da memória das tradições de fé de origem africana, no jogo de negociações em torno do lugar encruzilhada, por que os exus foram deliberadamente reelaborados nos rituais umbandistas? Ora, “[...] um primeiro significado de exu pode ser assim inferido: ele é o que resta de negro, de afro-brasileiro, de tradicional na moderna sociedade brasileira”³⁷.

Ou seja, o processo de humanização e ressignificação dos exus foi necessário uma vez que “[...] no caso dos exus, personagens emblemáticos no contexto da umbanda, sua imagem é a que mais sofre com as visões religiosas cristãs, pois sua trajetória está sempre associada ao mal”³⁸. Diante disso, as narrativas dos modos de ser e estar dos guardiões das encruzilhadas nos terreiros foram humanizadas e reelaboradas e, com isso, os exus passaram a ser imaginados de forma híbrida, portanto, mantendo a personalidade africana e, ao mesmo tempo, relembrando os aspectos de *branqueamento*.

O lado marginal de exu é amenizado quando esses absorvem a identidade de lordes, príncipes, comerciantes, mercadores ou de homens bem-

³⁶ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Nas encruzilhadas do humano: A figura de Exu na Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, n. 28, p. 97-111, maio/set. 2017, p. 105. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36936/19119>. Acesso em: 24 maio 2021.

³⁷ ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 134.

³⁸ KATRIB, 2017, p. 102.

sucedidos. Eles também se manifestam como assassinos, ladrões, corruptos, inquisidores, dentre tantos outros que infringiram a leis dos homens e que hoje, nos terreiros de umbanda, procuram praticar o bem e a caridade, a fim de alcançarem uma condição espiritual melhor do que aquela de quando pertenciam ao plano material.³⁹

No entanto, o *branqueamento*, ou seja, a inclusão de aspectos da cultura dominante é uma forma de resistência, portanto, de preservação da memória e tradições dos povos africanos. Aliás, que foi empregada desde o desembarque dos primeiros negros escravizados. Desse modo, o *branqueamento*, o encontro entre as religiões de brancos e negros não pode ser visto, meramente, como um acontecimento inédito, casual e inesperado.

Vale ressaltar que alguns pesquisadores dedicados ao tema religião afro-brasileira, entendem que o uso do termo encruzilhada remete a um dilema, ou seja, a compreensão de que a Umbanda se encontra dividida entre duas cruzes, isto é, “entre os apelos de suas raízes negras e os atrativos legitimadores da adoção dos princípios éticos cristãos”⁴⁰.

Porém, também é inegável que o sincretismo, ou seja, a estratégia da encruzilhada foi e continua sendo um modo de resistência, de superação no que diz respeito às imposições culturais e religiosas. Com isso, os negros "por meio do sincretismo, inseriram as suas divindades e tradições religiosas nas entranhas das religiões dominantes"⁴¹. Desse modo, no âmbito da encruzilhada, do sincretismo, Ogum é identificado como São Jorge, Oxum é representada pela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Iemanjá é cultuada como Nossa Senhora dos Navegantes e Iansã é Santa Bárbara.

Além da questão da importância dos guardiões da encruzilhada, a Umbanda também promove o acolhimento, o ponto de encontro (encruzilhada) de vivos e não vivos que não exercem de modo importante nenhuma forma de poder, cujas ocupações são consideradas de menor destaque, relevância social, remetem a simplicidade e o dia a dia das ruas, tais como: malandros, prostitutas, marinheiros,

³⁹ KATRIB, 2017, p. 106.

⁴⁰ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993, p. 113. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951/87679>. Acesso em: 11 maio 2021.

⁴¹ GARCIA, 2015, p. 29.

ciganos, guardas, policiais, boiadeiros, marinheiros e migrantes (baianos e nordestinos).

Inclusive, com o objetivo de reforçar ainda mais o aspecto da simplicidade, a Umbanda também acolhe os espíritos de crianças brancas ou negras (erês), escravos (pretos velhos) e indígenas (caboclos). Em razão disso, no imaginário simbólico da Umbanda, Lages⁴² argumenta que as entidades erês, pretos velhos e caboclos representam os rostos do povo brasileiro.

Portanto, o cuidado e interesse com o acolhimento da Umbanda busca a integração de segmentos negligenciados no contexto da formação identitária do povo brasileiro. Aliás, a postura de acolhimento é algo positivo, ou seja, é considerada uma vantagem para a promoção do diálogo inter-religioso, principalmente para os segmentos da sociedade que se encontram em situação de subalternidade e que são frequentemente marginalizados e estigmatizados.

Em sequência, o Panteão dos Orixás também é um lugar de interseção, atravessamento e encruzilhada da Umbanda que mostra a relevância de se estabelecer uma relação respeitosa e harmoniosa com a natureza. Assim, a consciência ecológica da Umbanda se contrapõe ao capitalismo descompromissado com a sustentabilidade e voltado fortemente para a exploração dos recursos naturais.

Além disso, o respeito em relação a natureza também concorre a favor do encontro, diálogo com os militantes da defesa do meio ambiente, levando em conta que é preciso “[...] conhecer os irmãos e irmãs que compartilhem da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes [...]”⁴³.

Outra vivência de acolhimento, de encruzilhada da Umbanda é evidenciada na Filosofia *Ubuntu*, que defende a ideia de que uma pessoa é uma pessoa (ou se torna uma pessoa) através da convivência com as outras pessoas. Desse jeito, na Filosofia *Ubuntu*, nós somos seres-com-outros e as nossas identidades são plurais e processuais. Sendo assim, nota-se que a Filosofia *Ubuntu* supera, vai muito além do pensamento ocidental moderno que vê a pessoa como autônoma em relação às

⁴² LAGES, Sônia R. Corrêa. *Exu – Luz e Sombras*. Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

⁴³ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 135.

demais e, principalmente, imune a eventos externos que possam influenciar no estabelecimento da sua personalidade.

Com isso, obviamente, sendo seres-com-outros, cada um de nós precisa estabelecer aproximações pautadas no respeito e através de condutas colaborativas ao invés de competitivas com as demais religiões. Por essa razão, na opinião de Fuentes, a Filosofia *Ubuntu* da Umbanda garante a abertura para o encontro e o diálogo capaz efetivamente de “[...] ajudar a criar acordos baseados em critérios comuns. Que esse consenso, verdadeiramente trabalhado, nos inspire também a nos expor aos outros para encontrar a diferença”⁴⁴.

Em prosseguimento, a tradicional cerimônia da *Lavagem do Bonfim*, realizada desde 1745, em Salvador, na Bahia, é um dos muitos exemplos de religião na encruzilhada. O ritual favorece o diálogo e encontro entre católicos e candomblecistas, além da presença de uma multidão de turistas. O costume secular foi introduzido intencionalmente pelos próprios senhores portugueses, que obrigavam os seus escravos a prepararem a Igreja juntamente com os fiéis católicos para as festividades do Nosso Senhor do Bonfim, limpando e enfeitando o templo por dentro e por fora.

A partir daí, então, acredita-se que as semelhanças entre o Senhor do Bonfim e Oxalá facilitaram a fusão, o encontro entre o catolicismo e as tradições africanas, uma vez que Oxalá na cultura lorubá é cultuado como *pai da montanha*, enquanto o Senhor do Bonfim foi introduzido no alto de uma montanha para o pagamento de uma promessa de um militar da coroa portuguesa que sobreviveu a uma tempestade em alto mar.

Inclusive, de acordo com o portal de notícias *Correio: o que a Bahia quer saber*⁴⁵, em 2019, durante o ritual de lavagem, os dez degraus do templo reuniram um público recorde estimado em 2 milhões de pessoas. Contudo, apesar do clima de confraternização durante os eventos que antecedem e precedem a cerimônia de lavagem das escadarias, o equilíbrio entre as duas religiões nem sempre é fácil, pois existem movimentos contrários ao sincretismo, a encruzilhada enquanto um lugar de

⁴⁴ FUENTES, Lygia Aride A. Tornar-se o que se é no sentido da filosofia ubuntu africana e o sentido para a individualização na e da cultura brasileira. In: BOECHAT, Walter (Org.). *A Alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 189.

⁴⁵ BORGES, Thais. Que Bonfim é esse? Festa reúne 2 milhões de pessoas. *Correio: o que a Bahia quer saber*, Salvador, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/que-bonfim-e-esse-festa-reune-2-milhoes-de-pessoas-e-bate-recorde/>. Acesso em 23 maio 2021.

aproximação, encontro e diálogo entre as duas religiões. Todavia, apesar da permanente tentativa para separar o candomblé do catolicismo, a encruzilhada (fusão entre as duas cosmovisões) vem prevalecendo e se tornando cada vez mais irreversível.

Considerações finais

A proposta da encruzilhada enquanto lugar privilegiado de aproximação e diálogo consiste numa representação, uma imagem simbólica que reconhece e valoriza os pontos de interseção, o risco e a cicatriz do encontro. Inclusive, nesse sentido, a proposta implica no entendimento de que de uma maneira ou de outra as religiões num dado momento se convergem, se encontram. Sendo assim, o grande desafio consiste na sabedoria de enaltecer os aspectos comuns e respeitar as diferenças.

Já em relação ao processo de *embranquecimento* da Umbanda, a pesquisa reforçou o entendimento que o *embranquecimento* não foi um evento novo, recente e que aconteceu, meramente, por acaso. Posto que a incorporação de características da religião dominante pela religiosidade de origem africana não pode ser entendida como uma grande surpresa. Porém, muito mais que isso, a estratégia de *embranquecimento* consiste numa prática recorrente na história como uma maneira das manifestações de fé de matriz africana continuar resistindo e existindo.

Portanto, nesse sentido, a história revela que as populações negras souberam com eficiência lidar com as imposições religiosas desde o desembarque dos primeiros negros escravizados, mediante reelaborações das suas tradições, mantendo, assim, vivas as memórias das suas ancestralidades.

Além disso, o trabalho de pesquisa destacou o fato de que nos dias de hoje, as confissões de fé precisam urgentemente renunciar às estratégias do gueto, do exclusivismo e da cruzada e aderir o diálogo inter-religioso como uma maneira eficiente de impedir o aparecimento de práticas e sentimentos racistas e de intolerância religiosa.

Nesse sentido, as religiões necessitam analisar a possibilidade de abraçar a proposta da encruzilhada, mediante a substituição permanente da prática de

fechamento comunitário pela estratégia da abertura, acolhimento e do diálogo inter-religioso. Mas para que o diálogo se torne realidade é preciso, necessariamente, aceitar correr o risco da cicatriz da aproximação com o diverso, uma vez que o diferente coloca em risco a nossa identidade!

Referências

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORGES, Thais. Que Bonfim é esse? Festa reúne 2 milhões de pessoas. *Correio: o que a Bahia quer saber*, Salvador, 17 jan. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/que-bonfim-e-esse-festa-reune-2-milhoes-de-pessoas-e-bate-recorde/>. Acesso em 23 maio 2021.

BUNYAN, John. *O Peregrino*. [Livro Eletrônico] Traduzido por Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

DREHER, Luís Henrique. A identidade evangélico-luterana e o diálogo inter-religioso: ideias para a busca de um método. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 83-91, 2003. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/585/539. Acesso em: 24 maio 2021.

ENCRUZILHADA. *In: DICIONÁRIO Online da Língua Portuguesa*. 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/encruzilhada/>. Acesso em: 12 maio 2021.

FREITAS, Ivana Silva. O ponto e a encruzilhada: a poesia negra rasurando a literatura oficial através da intertextualidade. *Revista Pontos de Interrogação*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 113-130, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/134>. Acesso em: 13 maio 2021.

FUENTES, Lygia Aride A. Tornar-se o que se é no sentido da filosofia ubuntu africana e o sentido para a individuação na e da cultura brasileira. *In: BOECHAT, Walter (Org.). A Alma brasileira: luzes e sombra*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GANDHI, Mohandas Karamchand. *Hind Swaraj or Indian Home Rule*. [e-book]. Ahmedabad: e-Shabda, 2017.

GARCIA, Celio de Pádua. *Em terras de sincretismos: apropriações e ressignificações afro-brasileiras na Igreja Universal do Reino de Deus*. 2015. 191 f.

Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Escola de Formação de Professores e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica de GOIÁS, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/775>. Acesso em: 24 maio 2021.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Nas encruzilhadas do humano: A figura de Exu na Umbanda. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, PR, n. 28, p. 97-111, maio/set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36936/19119>. Acesso em: 24 maio 2021.

KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

LAGES, Sônia R. Corrêa. *Exu – Luz e Sombras*. Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951/87679>. Acesso em: 11 maio 2021.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito Santo*. Brasília: Novos Diálogos, 2019.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compendio narrativo do Peregrino da America*. Lisboa: 1728. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4067>. Acesso em: 24 maio 2021.

RODRIGUES, Anna M. Moog. Compêndio Narrativo do Peregrino da América, de Nuno Marques Pereira. *Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, MG, n. 7, p. 30-36, 2011. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art3_rev7.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

SANCHIS, Pierre. O “som Brasil”: uma tessitura sincrética? In: MASSIMI, Marina (Org.). *Psicologia, cultura e história: diálogos em perspectivas*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e identidade cultural: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Revista Afro-A'sia*, Salvador, n. 56, p. 83-128, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77055372003.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.

TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso e a ameaça fundamentalista. *Numen*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1/2, p. 9-24, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21672>. Acesso em: 24 maio 2021.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLFF, Elias. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Revista Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 83-111, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44974855005>. Acesso em: 14 maio 2021.